

UE: Criar uma nova ordem mundial para travar Donald Trump

Enquanto a maior parte dos outros líderes ocidentais cruzam os braços e cometem erros, Donald Trump reforça politicamente o seu poder arrogante. A única maneira de o travar é criar uma verdadeira nova ordem mundial.

As decisões impulsivas de Trump, como a sua recusa de aceitar a declaração do G7 aprovada no Quebec*, não são simples expressão dos seus caprichos pessoais. São, pelo contrário, reações ao fim de uma época do sistema económico global, reações que assentam numa compreensão inadequada do que está a acontecer. No entanto, a visão distorcida de Trump baseia-se, apesar de tudo, na intuição acertada de que o sistema global existente deixou de funcionar.

Há um ciclo económico que está a chegar ao fim e que teve início no começo da década de 1970, nessa época em que nasceu aquilo a que Yanis Varoufakis chama o “Minotauro Global”, esse monstruoso motor que dirigiu a economia mundial entre os princípios da década de 1980 e 2008. Os finais da década de 1960 e os começos da de 1970 não se limitam a ser importantes devido à crise do petróleo e à estagflação: a deci-

* Em junho de 2018. (N. T.)

são tomada por Nixon de desligar o dólar do padrão-ouro assinalava uma mudança de rumo muito mais radical na base do funcionamento do sistema capitalista.

Na realidade, nos finais da década de 1960, a economia dos Estados Unidos deixava de ter a capacidade de continuar a reciclar os seus excedentes orientando-os para a Europa e para a Ásia, porque os seus excedentes se tinham transformado, entretanto, em défices. Por conseguinte, em 1971, o governo americano reagiu ao seu declínio por meio de um audacioso movimento estratégico: em vez de tentar travar os défices crescentes da nação, decidiu optar pela via contrária e dilatá-los ainda mais.

E quem pagaria a conta? O resto do mundo!

Na ribalta

Como? Através de uma transferência permanente de capitais que cruzavam a todo o momento os dois grandes oceanos, a fim de financiarem o défice americano. Assim, este último começou a operar, nos termos adotados por Varoufakis no seu *Global Minotaur*,

como um aspirador gigantesco e a absorver o excedente em bens e capitais dos outros países.

Embora este “arranjo” fosse a incarnação do maior desequilíbrio imaginável à escala planetária, deu origem, no entanto, a qualquer coisa que se assemelhava a um equilíbrio global — um sistema internacional de fluxos financeiros e comerciais assimétricos em rápida aceleração, capazes de proporcionarem uma aparência de estabilidade e crescimento sustentado.

Alimentados por este défice, os excedentes das economias mais importantes do mundo (como a alemã, a japonesa e, mais tarde, a chinesa) continuaram a produzir maciçamente bens que a América, por seu turno, absorvia. Quase 70 por cento dos lu-

cross globalmente obtidos pelos referidos países eram depois transferidos de novo para os Estados Unidos, sob a forma de fluxos de capital dirigidos para Wall Street. E que fazia Wall Street, a seguir? Transformava esses fluxos de capitais em investimentos diretos, quotas de mercado, novos instrumentos financeiros, novas e velhas formas de empréstimos, etc.

Este crescente equilíbrio comercial negativo demonstra que os Estados Unidos desempenham aqui o papel de predador não-produtivo: nas últimas décadas, teve de absorver diariamente um fluxo de mil milhões de dólares vindo de outras nações para pagar o seu consumo, tornando-se assim o consumidor universal keynesiano que assegurava o funcionamento da economia mundial. (Não é preciso dizer mais, tendo em conta a ideologia económica antikeynesiana que hoje parece prevalecer!)

Esta afluência, que é de facto como os tributos pagos a Roma na Antiguidade (ou os sacrifícios oferecidos ao Minotauro pelos gregos antigos), assenta num mecanismo económico complexo: os Estados Unidos são “objeto de confiança” enquanto centro seguro e estável, o que faz que todos os outros, dos países árabes produtores de petróleo à Europa Ocidental e ao Japão, e hoje a própria China, invistam os seus excedentes e lucros na América.

Partilha amigável

Uma vez que a “confiança” é principalmente ideológica e militar, e não económica, o problema para os Estados Unidos está em justificar o seu papel imperial — justificação que organizam através de um estado de guerra perpétuo.

Tiveram, para o efeito, de inventar a “Guerra ao Terrorismo”, oferecendo-se como protetores universais de todos os outros Estados “normais” (por oposição a “malfeitores”). Deste modo, é o globo no seu conjunto que tende a funcionar como uma

Esparta universal, com as suas três classes, que se perfilam hoje como o Primeiro, o Segundo e o Terceiro Mundo: 1) os Estados Unidos são o poder militar-político-ideológico; 2) a Europa e certas partes da Ásia e da América Latina são a região das indústrias e das manufaturas (a Alemanha e o Japão desempenham aqui um papel decisivo, como principais exportadores à escala mundial, recentemente acompanhados também pela China em ascensão); o restante conjunto subdesenvolvido, ou grupo dos hilotas atuais, integrado pelos “deixados para trás”. Por outras palavras, o capitalismo global deu origem a um novo tipo de via oligárquica, que se mascara como celebração da diversidade das culturas: a igualdade e o universalismo desaparecem cada vez mais enquanto princípios políticos atuais.

A partir de 2008, este sistema mundial neoespartano entrou em declínio. Durante os anos de Obama, Paul Bernanke, o presidente da Reserva Federal, deu um novo fôlego vital ao sistema: explorando impiedosamente o facto de o dólar americano ser a moeda global, financiou as importações através de uma impressão maciça de dinheiro.

No entanto, Trump decidiu abordar o problema em termos diferentes: ignorando o delicado equilíbrio do sistema global, centrou-se em certos aspetos que poderiam ser apresentados como uma “injustiça” para a América: as importações gigantesca reduzem o emprego nos Estados Unidos, etc. Mas aquilo que Trump denuncia como “injustiça” é parte de um sistema que beneficiou os Estados Unidos: os americanos puseram de facto o mundo “a saque”, importando toda a espécie de coisas que pagavam com dívidas e impressão de notas de dólar.

Dentro e fora

Não é de admirar que Trump se dirija a Kim Jong-un mais amigavelmente do que os seus grandes aliados ocidentais: também aqui os extremos se tocam. Com a desintegração do siste-

ma que dominava o comércio mundial desde 1970, os Estados Unidos tornaram-se cada vez mais os agentes de desordem desse mesmo comércio mundial. Ao contrário do que se passava em 1945, o mundo não precisa da América, é a América que precisa do mundo. É assim que são dois os párias que se reúnem em Singapura: o pária excluído (Kim) e o pária instalado no próprio fulcro do sistema.

O objetivo de Trump é fazer acordos comerciais com parceiros isolados que podem, todos eles, ser reduzidos à submissão através da chantagem, e, por isso, é da máxima importância que a Europa aja como uma força económica e política unificada. Com todos os perigos que comporta, esta nova situação oferece à Europa uma oportunidade única: a de se empenhar na formação de um novo sistema económico global que já não seja dominado pelo dólar americano como moeda global.

Em termos económicos globais, é a guerra — e a guerra é um tempo que reclama medidas radicais. A Europa tem de tomar consciência de que não há regresso possível ao *statu quo* anterior.

Pelo contrário, é necessária uma nova ordem mundial capaz de impor a Trump a punição devida. E é deste ponto de vista que a resposta dos membros da UE e do Canadá é insuficiente: em vez de advogarem uma nova visão, aqueles agem como uma parte ofendida, queixando-se de que os Estados Unidos quebraram as regras estabelecidas.

Assim, na última década, sensivelmente, a UE tem agido cada vez mais como o ex-líder da OLP Yasser Arafat, de quem se dizia que nunca perdia a oportunidade de perder uma oportunidade.

Como, entre outros acontecimentos, a crise da imigração e a situação na Catalunha mostram, é provável que a Europa se prepare para perder a sua oportunidade, uma vez mais.